

Ver a diferença: experiências de ensino em antropologia com expressões estéticas

Maria Luiza Rodrigues Souza

PPGAS – FCS - UFG

### **Pedagogias dialógicas com visualidades**

Uma das lições que Isaac Pinhanta (2004) nos oferece ao dizer que “Você vê o mundo do outro e olha para o seu” diz respeito às maneiras diversas que temos para sairmos do nosso habitual em direção ao outro. A experiência com imagens é uma delas, principalmente se as tomarmos enquanto arte. Arte, aqui, é entendida como expressão e instrumento para abordar a questão da diferença e estimular a quebra das barreiras do cotidiano. Práticas de ensino em antropologia com imagens permitem, nessa acepção, sair do fluxo ordinário; servem para ver de outra forma o que é dado como comum, como corriqueiro.

Neste artigo, abordo etnograficamente duas experiências pedagógicas em antropologia nas quais estudantes de graduação de diferentes cursos da Universidade Federal de Goiás produziram fotografias, painéis audiovisuais e vídeos. Nas duas disciplinas conviveram estudantes dos cursos de bacharelado em ciências sociais, da licenciatura também em ciências sociais, assim como dos cursos de matemática, de música, geografia, história e engenharia.

O que busquei foi a construção de experiências pedagógico-visuais dialogadas, em que não só o material textual constituísse a matéria do diálogo, como normalmente as atividades em sala costumam se desenrolar, com base em discussão de texto e aula expositiva. Tomando o diálogo como prática pedagógica essencial, a cada conjunto de fotografias ou vídeos realizados por artistas consagrados, os/as alunos/as eram estimulados/as a produzirem seu próprio material, e este deveria ser inspirado no tipo de obra visualizada e discutida em sala. Assim, não dialogávamos apenas com o que pode ser exposto em palavras, mas com imagens, a partir da construção e da criação de fotografias, vídeos e painéis visuais.

Após discutir textos sobre fotografia e arte, observar e refletir sobre obras fotográficas e visuais, as turmas eram estimuladas a criarem suas próprias

manifestações. Depois de apresentados/as a um variado conjunto de expressões estéticas, saíram a campo para experimentos fotográficos e audiovisuais, a fim de perceberem com outros ângulos a vida comum: a cidade, na primeira disciplina, e a universidade, na segunda.

Fotografias e vídeos produzidos pelos/as estudantes a partir do contato com obras variadas possibilitaram, em primeiro lugar, a alteração de hábitos visuais. Como estamos imersos numa verdadeira avalanche de imagens, nas duas ocasiões se propôs ver ativamente. Ao realizarem seus próprios exercícios visuais, depois de saírem a campo para fotografar e filmar, puderam notar suas próprias capacidades criativas, confiar nelas para alterarem seus pontos de vista.

As experiências de ensino que exemplifico a seguir tomam a ideia de que o contato com expressões estéticas forma pessoas mais atentas e críticas. Jorge Coli, ao tratar da influência da arte na nossa experiência vai direto ao ponto pretendido durante as aulas ao enfatizar: “A arte não produz objetos, produz sujeitos” (2012, 41). Assim, as atividades desenvolvidas nos dois cursos permitiram que os estudantes passassem da condição de receptores passivos de imagens para a de produtores, tornando-se sujeitos mais atentos dentro das dinâmicas sócio-visuais habituais.

### **Textos e temas - alguns pontos de partida**

Alguns artigos foram comuns nas aulas das duas disciplinas, sendo que, a título de exemplo, ressalto os que permitiram adentrar nas questões do estatuto das imagens para a pesquisa em antropologia, que permitiram discutir o papel e a formação do observador e a construção de narrativas visuais.

Nas duas experiências iniciamos os trabalhos refletindo sobre como a arte deve ser entendida enquanto parte de uma vivência social. A obra artística integra uma série de injunções culturais, é produto de um sistema histórico e cultural de significados. O trabalho de Clifford Geertz sobre arte foi fundamental para pensar esta esfera da vivência comum: a arte pode ser avaliada se compreendida como parte de um conjunto amplo de implicações culturais (Geertz, 1998). Mas a discussão caminhou para além da relação entre arte e contexto, como Geertz ressalta, indo para a problemática da recepção da obra. Neste ponto, ressaltou-se a importância da constituição da

subjetividade que observa e recebe a obra. Trata-se de subjetividades constituídas histórica e culturalmente, em contextos vários que se articulam na apreciação de uma fotografia ou de um filme, por exemplo.

Neste ponto as proposições de Alfred Gell (2009) foram abordadas para que pudéssemos tomar as obras como agentes, como feixes de relações. Mesmo com a lacuna sobre apreciação estética da arte, quer dizer, com a não concordância por parte do autor de que outras sociedades diferentes da ocidental possam ter arte e teorias estéticas, apesar de não disporem no léxico de suas línguas do mesmo vocabulário, podemos pensar o quão complexo é tratar dessas manifestações. Além disso, discutimos como a polissemia da palavra arte entre nós encobre apreciar e tomar como arte o que é feito em outros lugares mesmo sem o uso do conceito e da palavra como a empregamos.

A partir daí, a discussão adentrou mais detidamente a questão das imagens, com o texto de Sylvia Caiuby Novaes (2008), que trata, entre outros tópicos, da estreita relação da arte com outras esferas do social, permitindo que pensemos a questão nos seus sentidos mais amplos. Há magia na palavra imagem, e é necessário que tratemos da imaginação enquanto modos de narrar através do estético. Foi essa discussão que nos levou a Alberto Manguel (2001), para considerar que também somos formados por imagens, que elas nos constituem porque, assim como as palavras, nos situam em narrativas outras:

As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que contemplamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos. (Manguel, 2001, 21)

As tensões entre fotografia e mundo, assim como aquelas entre imagem e emoção, foram tratadas a partir da proposta de Roland Barthes (1984). Foi então possível alargar mais um pouco a ideia de que vemos a partir de um ponto de vista, que é também uma posição na história. Na continuidade, a crítica um tanto negativa sobre fotografia e sua condição de nos fazer pensar sobre o mal e a respeito das tragédias foi uma das conclusões que o texto de Susan Sontag (2003) permitiu.

A ideia de que, além de observadores mais críticos, nós possamos ser, mesmo com os entraves do domínio da técnica, criadores de obras artísticas foi resultado dos

vários exercícios práticos. A confiança nas imagens como outras portas de leitura da realidade foi construída a partir da discussão de Rouillé (2009) e José de Souza Martins (2013). Em Rouillé (2009) verificamos as transformações da imagem fotográfica e suas tensões entre documentar e formatar o real artisticamente. Com esses textos, formulou-se a ideia de que fotografias artísticas expressam melhor temas de pesquisa, tal como discutido por Martins (2013, 61-62):

Se há sentido sociologicamente apreensível na vida cotidiana, que possa se evidenciar na imagem fotográfica, só a dimensão propriamente estética da fotografia, como intencional obra de arte, pode documentar suas tensões e o invisível das ocultações que lhe são próprias.

Pensar e perceber a diferença através de práticas criativas evidencia o que não é normalmente notado. O contato com imagens e a própria produção de fotografias e vídeos permitem expor o que fica oculto na corrente ordinária das rotinas.

### **Imagens para pensar a cidade**

Para estas aulas, era sugerida a leitura prévia de textos sobre arte e antropologia, arte urbana, imagem e pesquisa com imagens, além daqueles comentados acima. Individualmente ou em grupo, os/as estudantes realizavam exercícios fotográficos e videográficos em campo, enfocando três eixos – usos do espaço urbano, arte na cidade e desigualdade social –, a fim de ver e mostrar a vida urbana a partir de outras perspectivas. Dois painéis foram montados com as fotografias de cada um/a. Foram feitos também vários pequenos vídeos inspirados pela proposta de *Crônica de um verão*, de Edgar Morin e Jean Rouch (1961). Tal como no filme em que se indagava os/as parisienses sobre o que pensavam acerca da felicidade, o grupo foi a campo para perguntar o que as pessoas mais apreciavam e o que menos gostavam em Goiânia.

Antes do vídeo, contudo, fizemos um painel com as fotos dos exercícios em campo. As primeiras imagens foram as da arte urbana. Pedi que os participantes da turma saíssem e tentassem perceber a cidade através das intervenções artísticas.



Arte urbana - Fotografia de [Wellington Vinicius](#), 2014.



Olhar – Fotografia de Tais Veiga – 2014.

Em todas as atividades, era necessário que tomassem notas num caderno de campo. Foram as anotações neste caderno, aliadas às imagens que iam registrando, que deram vazão a outras narrativas sobre o mundo e a vida na cidade. A fim de saírem das percepções viciadas diárias, foram estimulados/as a retratarem o que chamamos então de “A cidade contra as pessoas”.



Impossível andar na calçada. Foto de Pedro Baima, 2014.

Além da rispidez com que o desenvolvimento assola a vida das pessoas, os exercícios também adentraram na narrativa sobre quem é discriminado e apagado na vida cotidiana:



Mãos – Fotografia de Nathália Alencar, 2014.

A fim de estimular o pensamento visual através da imagem em movimento, tentando destacar o papel da fotografia em alguns filmes, foram exibidos e discutidos os filmes *Povo da lua, povo do sangue*, de Cláudia Andujar, (1983), e *Les Statues Meurent Aussi* de Alain Resnais e Chris Marker (1953).

Fazer um documentário foi o último desafio proposto. Esse exercício foi inspirado, como já dito, no filme *Crônica de um verão*, de Edgar Morin e Jean Rouch (1961). Pedi que se formassem grupos para criarem pequenos vídeos. Teriam de filmar

peças respondendo a duas perguntas: o que você mais gosta em Goiânia e o que menos gosta?

Perceber o mundo a partir de outros ângulos: do comum ao incomum, ambos remetendo ao quanto o familiar pode ser transformado via emoção estética em algo novo até se notar que é exótico.

### **A universidade percebida em fotografias**



Tina Modotti - <http://theartofphotography.tv/photographers/modotti/>

A fotografia de Tina Modotti, por exemplo, permitiu o desafio de olhar por ângulos inusitados e mais geométricos que o usual o espaço do campus 2 da Universidade Federal de Goiás, onde as aulas aconteceram. Além de Modotti, ver de outro modo o que sempre se olha numa horizontalidade foi o que inspirou o trabalho de Luiz Cersósimo (2006) sobre a cidade de São Paulo. O exercício que a turma tinha de fazer era o de fotografar os prédios do campus mudando os ângulos:



Universidade - Foto de Wolney Dias – 2015.

O trabalho de Claudia Andujar sobre os Yanomami (2009) fez com que fosse notada a ambiguidade na representação do que chamamos de diversidade. As fotos de *Marcados* estimularam a saída a campo para pensar a própria universidade como espaço de diversidade racial, econômica e mesmo política. Descobrir um autor tão familiar nas humanidades como fotógrafo foi estímulo e provocação. Trata-se do material fotográfico de Pierre Bourdieu (2006) sobre os Cabilas, no norte da Argélia, e os camponeses na região do Béarn, no sudoeste da França.

Outros fotógrafos e fotógrafas foram importantes para a discussão sobre a complementariedade que a imagem pode trazer para a revelação e compreensão da diversidade. Maureen Bisilliat (2009) e Sebastião Salgado (1997), por exemplo, permitiram pensar visualmente como se pode apresentar o diverso, o outro. Nas duas visões fotográficas, ocorre o que José de Souza Martins (2013) ressalta como sendo a capacidade que a arte em fotografia tem de contribuir para os desafios metodológicos da pesquisa social.





Trabalho terceirizado na universidade. Foto de Wolney Dias – 20015.

### **Pensar visualmente a diferença**

São várias as maneiras de se ensinar antropologia. Nas experiências relatadas acima, privilegiou-se a prática criativa dos estudantes, que foram incentivados a realizarem trabalhos de campo por meio do uso e da produção imagética. Com os exercícios propostos nas duas disciplinas, os/as alunos/as puderam perceber tanto suas próprias capacidades criativas como outras maneiras de ver e perceber o entorno, fosse este a cidade, fosse o local de estudo. Junto às aulas mais comuns de exposição e discussão de textos, exercícios de campo nos quais era preciso tomar fotografias e filmar foram associados à observação e à escrita de cadernos de campo. Às notas escritas foram adicionadas percepções visuais que ampliaram as possibilidades plásticas e visuais do pensamento sobre o mundo comum.

## Referências.

- ANDUJAR, Claudia. **Marcados**. SP: Cosac Naiy, 2009.
- BARTHES, Roland. **A Câmara clara**: nota sobre a fotografia. RJ: Nova Fronteira, 1984.
- BISILLIAT, Maureen. Fotografias. Instituto Moreira Salles, 2009.  
<http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/maureen-bisilliat>
- BOURDIEU, Pierre. Álbum fotográfico. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 26, p. 97-123, jun. 2006 <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a09n26.pdf>
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: Protugal, KKYM, 2012.
- CERSÓSIMO, Luiz. – **Arquitetura do Olhar**. SP: Ed. Do Autor, 2006.
- COLI, Jorge. A obra ausente. Samain, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, 2012.
- GEERTZ, Clifford. A arte como um sistema cultural. In: **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.
- GELL, Alfred. Definição do problema: a necessidade de uma antropologia da arte. Revista **Poiésis**, n 14, p. 245-261, Dez. de 2009.
- MANGEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. SP: Companhia das Letras, 2001.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. SP: Contexto, 2013.
- NAVES, Rodrigo. André Kertész- O silêncio do mundo. MAMMI, Lorenzo & SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs). **8 X fotografia**: ensaios. SP: Companhia das Letras, 2008.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. In: **Mana**. 2008.
- ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. Sp: Editora Senac São Paulo, 2009.

SALGADO, Sebastião. **Trabalhadores** - Uma arqueologia da era industrial. SP: Companhia das Letras, 1997.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. Tradução de Marcos Soares. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

PINHANTA, Isaac. **Você vê o mundo do outro e olha para o seu**.  
<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/biblioteca.php?c=23>

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. SP: Companhia das Letras, 2003.

#### Vídeos

Povo da lua, povo do sangue. Cláudia Andujar, 30min., SP: 1983.

Alain Resnais e Chris Marker - *Les Statues Meurent Aussi* (1953).